



Sarney conversou com Pelé e o levou à rampa para receber o presidente da Guiana

Sarney conta suas mágoas a Pelé

Ex-craque diz que gol se faz até com 97 minutos de jogo

BRASÍLIA — O presidente José Sarney pediu ajuda a Pelé: "Pelé, você que é a potência do século, o que você faria nesse momento? Me colocaram de técnico de uma seleção, me tiraram as duas traves e ainda querem que eu faça gol. O que eu faço?" Os dois riram muito e o ex-jogador da seleção brasileira prontamente respondeu: "Presidente, quando eu jogava no Santos, nós fizemos gol até aos 97 minutos de jogo."

Pelé esteve reunido ontem com o presidente Sarney durante cerca de meia hora e interrompeu sua conversa, que versou sobre os mais variados temas — de política a futebol — para ambos receberem o presidente da Guiana, na rampa do Palácio do Planalto. "Este é o Pelé, campeão nacional e mundial de futebol", disse Sarney ao visitante.

O campeão da Copa de 70 garantiu que ainda não tem candidato e que está conversando com todos para conhecer as suas plataformas e, depois então, quando estiver convencido sobre qual será o melhor para o país, anunciará oficialmente porque sabe que a sua opinião terá uma influência muito grande sobre boa parte da população brasileira.

"Eu tenho certeza que uma orientação errada, de minha parte, pode trazer mais problemas para o país, porque levarei muitos votos comigo", declarou Pelé, acentuando que há um

ano e meio conversou com Ronaldo Caiado, depois com Leonel Brizola, e Fernando Collor, tem agora um encontro marcado com Guilherme Afif Domingos e Paulo Maluf. Portanto, pretende conversar com todos.

"Mesmo que o meu candidato fique em último lugar, quero pensar bem, ouvir todos para orientar bem o povo", completou Pelé, acrescentando: "A minha responsabilidade é muito grande, eu reconheço isso e quero que o brasileiro vote bem, não

desperdiçando seu voto em Cacareco, Pelé e Zico."

Pelé negou ter dito que o povo brasileiro não sabe votar. "Este é um momento muito importante, e aquela declaração deu confusão muito grande porque houve um mal entendido", afirmou, acentuando ainda que o seu partido é o Brasil e por isso não se definiu até agora e prefere esperar um pouco mais, até que as idéias dos candidatos fiquem bem definidas.

Presidente nega renúncia

O presidente José Sarney afastou a hipótese de antecipar, de março para janeiro de 89, sua saída do governo, uma renúncia prevista em declarações feitas segunda-feira pelos ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e do Planejamento, João Batista de Abreu. "Os ministros já desmentiram e o próprio Mailson me telefonou, de manhã, informando que não fez essas declarações", disse Sarney. A idéia da antecipação da posse do futuro presidente surgiu com a constatação de que a crise econômica recrudescera a partir de 15 de novembro, quando o funil do primeiro turno das eleições presidenciais filtrar apenas dois candidatos.

O presidente e seus assessores dedicaram-se ontem a reafirmar a decisão de cumprir o mandato constitucional, que termina em 15 de março. "Não sei o que é mandato branco, sei o que é mandato constitucional", disse Sarney, referindo-se a outra hipótese discutida esta semana, de funcionarem, a partir de novembro, tempo dois governos (o de Sarney e o do presidente eleito). Nesse ponto, o mi-

nistro da Justiça, Saulo Ramos, tem opinião muito clara: "Não haverá governo paralelo", afirmou, depois de conversar com o presidente da República.

Para o ministro da Justiça, Sarney receberá o futuro presidente, conversará com ele, mas todos os atos praticados até o final serão de responsabilidade do atual presidente. "Ainda que em desacordo com a futura equipe de governo", completou. Sarney falou também do esquema para a transição: "Será feita com absoluta normalidade. Darei todas as condições para que o presidente eleito tome conhecimento de todos os problemas".

Enquanto aguarda o 15 de novembro, o presidente sonha com uma transição tranquila — que, segundo analisam assessores do presidente, só poderia ocorrer se o eleito fosse o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos. Um deles sintetizou as razões dessa preferência: "O convívio com Afif é mais fácil, tem equilíbrio e melhor disposição ao diálogo".